

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

LEANDRA RAMIM

**COOPERATIVISMO:
uma possibilidade de emancipação?**

4094
5.09 (C)

Uberlândia, MG
2011

COCHI/UFU
Correspondência Recebida
em 30/06/11
Patric

LEANDRA RAMIM

COOPERATIVISMO: uma possibilidade de emancipação?

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura e Bacharelado em História.

Orientador: prof. dr. Paulo Sergio da Silva

Uberlândia, MG
2011

Aos meus familiares, amigos e amores.

Agradeço ao Ernesto, a Mariã Odete, a Luciana e a Nicole

O lixo é matéria-prima fora do lugar. A forma com que uma sociedade trata do seu lixo, dos seus velhos, dos meninos de rua e dos doentes mentais atesta o seu grau de civilização. O tratamento do lixo doméstico, além de se uma questão com implicações tecnológicas, é antes de tudo uma questão cultural.

— CARLOS MINC

RESUMO

Este trabalho aborda objetivamente as condições de trabalho dos catadores de recicláveis de Uberlândia, MG, e suas possíveis formas de sobrevivência, alguns aspectos econômicos presentes nos resíduos sólidos inorgânicos, o cooperativismo e seu espaço na economia solidária. Verifica-se em que aspectos os catadores conseguem melhores condições de trabalho e de vida.

Palavras-chave: catadores, recicláveis, sobrevivência, economia solidária.

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo 1	
DESCARTE DE RESÍDUOS SÓLIDOS	8
1.1 O lixo em Uberlândia no limiar deste século	8
1.2 Catadores e sucateiros	12
Capítulo 2	
HISTÓRICO DE LUTAS DA CORU	18
Capítulo 3	
NOVOS HORIZONTES DE REFLEXÃO	22
3.1 Aspectos econômicos do lixo	22
3.2 Essência do cooperativismo	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Considerando-se a crescente exclusão de homens e mulheres do mercado de trabalho formal, esta monografia aborda as condições de sobrevivência e o contexto social e econômico a que estão sujeitos os catadores de resíduos sólidos na cidade de Uberlândia (MG). Estritamente, fazemos uma análise das dificuldades enfrentadas, dos desafios vencidos e dos resultados obtidos pela experiência associativa e consolidada da Cooperativa de Recicladores de Uberlândia (CORU).

Comumente associa-se ao lixo uma visão depreciativa, isto é, sobra do material não mais útil, descartável, indesejável, sem valor econômico, dispensável das atividades humanas; ligado ao mau cheiro, à sujeira e a doenças. Isso nos distrai da consideração de que, quando reciclado, grande parte do lixo inorgânico é — e pode ser — colocada de volta no sistema de produção como matéria-prima. Nessa situação, os ganhos econômicos e em saúde pública podem ser enormes.¹

O consumo intenso de produtos industrializados é visto como responsável pela grande produção de lixo nos meios urbanos. A cultura de um povo ou comunidade se caracteriza, também, pela forma de relação cotidiana com ambiente, os costumes e os hábitos de consumo; tanto quanto com a forma com que seus resíduos, restos e dejetos são dispostos em seus espaços geográficos. Nesse contexto, se o coletor e separador de resíduos sólidos são a mão de obra fundamental ao ciclo de reciclagem no Brasil, não se pode esquecer que ainda são mantidos à margem da sociedade, exercendo seu trabalho em péssimas condições; e mesmo que essa atividade seja a única forma de subsistência que alguns encontram.

Este trabalho aborda, especificamente através de descrições, a realização do trabalho desses homens e dessas mulheres, os aspectos econômicos relacionados com os resíduos sólidos, as origens do cooperativismo e alguns obstáculos enfrentados pelos coóperados da CORU. O objetivo é problematizar a sobrevivência através do lixo como catador autônomo ou cooperado. A abrangência espacial inclui a cidade de Uberlândia, Minas Gerais. E o ponto de partida foi nossa inquietação diante da dúvida sobre a melhor forma de extrair, do lixo, os meios materiais para sobreviver.

¹ Cf. CALDERONI, Sabetai. *Os bilhões perdidos no lixo*. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003; GRIPPI, Sidney. *Lixo: reciclagem e sua história. Guia para as prefeituras Brasileiras*. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2006; GONÇALVES, Pólita. *A reciclagem integradora dos aspectos ambientais, sociais e econômicos*. Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 2003.

Capítulo 1

DESCARTE DE RESÍDUOS SÓLIDOS

1.1 O lixo em Uberlândia no limiar deste século

Alguns materiais provenientes da indústria contemporânea resistem mais do que monumentos feitos para durarem séculos. Civilizações antigas levavam décadas para construir seus monumentos com o intuito de ser capazes de resistir por várias gerações. Hoje alguns polímeros sem simbologia ou cultura, dotados só de tecnologia, demoram séculos para ser decompostas pela natureza.

No limiar do século XXI, o lixo ainda é tido, por boa parte da população, como algo a ser retirado o mais rápido possível e com o menor desprendimento de gasto e trabalho presumível. Nesse contexto, os municípios brasileiros se veem frente aos desafios de solucionar os problemas decorrentes do tratamento e da destinação do lixo — logo, dos aterros sanitários — e às voltas com custos crescentes para uma destinação adequada do lixo.

Tal situação não é distinta na cidade de Uberlândia, Minas Gerais.² Segundo o jornal local *Correio de Uberlândia*, até o final de setembro de 2010, um novo aterro sanitário localizado no Distrito Industrial, zona norte da cidade, passaria a ser usado, pois o aterro disponível até então teve sua capacidade de armazenagem esgotada³ três anos antes do prazo previsto inicialmente pelas autoridades municipais.⁴ Segundo a professora do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Marlene Colesanti, em entrevista ao *Correio de Uberlândia*,

² Cabe salientar que em 25 de setembro de 2007 Uberlândia teve acesso a repasse de recursos no encontro ICMS Ecológico: Saneamento a mais de 100, em que se destacou com o mérito Ouro na classificação dos aterros sanitários. Isso demonstra que é a cidade mineira que mais se adequou às normas ambientais da Fundação Estadual do Meio Ambiente (FEAM). Disponível em: <<http://www.icmsecológico.org.br>>. Acesso em: 2 fev. 2010.

³ Eis a estimativa de produção de lixo em Uberlândia: 350–400 toneladas diárias, 12 mil toneladas mensais e 144 mil toneladas anuais — cf. NAKAMURA, Denise. Coleta seletiva começa na terça-feira. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 16 jan. 2011. Cidade, *on-line*.

⁴ Cf. CANDIDO, Andréia. Uberlândia terá novo aterro sanitário. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 19 set. 2010. Cidade, *on-line*.

A preocupação deve girar em torno da vida do aterro sanitário, cujo tempo pode ser menor que o projetado, uma vez que o consumo da população⁵ cresce a cada ano. Destinar uma área ao aterro sanitário é abrir mão de um espaço que poderia abrigar um parque ou moradia habitacional, por exemplo.⁶

O novo aterro tem área equivalente a 30 campos de futebol, e sua preparação e construção custaram R\$ 25 milhões. Está localizado ao lado do aterro antigo e teve vida útil projetada em 21 anos. Construído segundo critérios da Superintendência Regional de meio Ambiente (SUPRAM), tem impermeabilização de argila, para proteger o solo e os lençóis freáticos do chorume,⁷ e está distante do meio urbano e do rio Uberabinha, que, no caso, deu origem à cidade. Também merece destaque o fato de que a coleta de lixo requer, por natureza, grande demanda de transporte; assim, à medida que os aterros são deslocados para mais longe dos centros urbanos, a demanda de transporte aumenta, o que influi diretamente no aumento dos custos de deslocamento do lixo.

Por sua vez, a má destinação do lixo gera poluição e prejuízos à saúde pública. Além disso, os resíduos orgânicos ou inorgânicos jogados em lugares indevidos como estradas, rios e mares, áreas residenciais ou mesmo em aterros irregulares contaminam o solo, logo os aquíferos e lençóis freáticos. Também se tornam vetor de moscas e animais peçonhentos, agentes que transmitem doenças.⁸

⁵ A posição geográfica de Uberlândia favorece sua interligação com o Centro-Oeste e o estado de São Paulo. Por isso, dentre outras razões, a cidade se destacou na modernização econômica do Triângulo Mineiro, configurando-se como fator determinante para o estabelecimento dos fluxos migratórios. Pode-se destacar que “[...] é na articulação privilegiada com a economia paulista que se deve buscar as bases propulsoras do dinamismo que alicerçou a centralidade de Uberlândia, forte condicionante do comportamento demográfico” — cf. JULIANO, A. A.; LEME, H. J. de C. Transformações econômicas e dinâmica migratória recente na área de Uberlândia: um perfil sócio-econômico da população migrante. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 13., 2002, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002, p. 1–22. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST9_Juliano_texto.pdf> Acesso em: 24 set. 2008. A acentuada tendência imigratória contribuiu para o rápido crescimento populacional da cidade, distanciando-a dos municípios vizinhos. Exemplo disso é Uberaba, cuja população na década de 1970 superava a de Uberlândia em cerca de 400 habitantes. Hoje a população uberabense não atinge nem metade do contingente populacional uberlandense. A migração pode ser definida como mobilidade espacial da população; é um mecanismo de deslocamento populacional que se reflete em mudanças nas relações pessoais (relações de produção) e entre estas e o seu ambiente físico — cf. BECKER, O. M. S. mobilidade especial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; Correa, R. L. (Org.). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. Ainda segundo esses autores, em 2001, quase 60% da população não natural de Uberlândia era proveniente de Minas Gerais. Desse percentual, 43,8% eram oriundos das regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e 13,2%, dos demais municípios mineiros. Além disso, a população da cidade inclui goianos (20,8%) e paulistas (8,8%). As demais regiões brasileiras totalizam 13,5% da contingente populacional de Uberlândia. Como a faixa etária predominante dos imigrantes é 15–64 anos, pode se concluir que os motivos principais de atração são a procura por trabalho e a educação.

⁶ CÂNDIDO, 2010.

⁷ O chorume é resultado físico-químico da decomposição de materiais orgânicos; no caso do produto do tecido adiposo animal, é conhecido como percolato.

⁸ Cf. BELLINI, Marta; MUCELIN, Carlos Alberto. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia: ed. UFU, n. 20, v. 1, p. 111–24, jun. 2008.

Mesmo considerando ser eminentemente municipal a competência para o tratamento do lixo, a legislação ressent-se de uma política nacional de resíduos sólidos, bem como de norma gerais e de âmbito nacional, visando não apenas o correto gerenciamento dos resíduos, mas, principalmente, a redução da sua geração. Isso requer o estabelecimento de mecanismos que extrapolam as competências municipais e estaduais, como, por exemplo, a atribuição de responsabilidades aos fabricantes pelo ciclo total do produto, incluindo a obrigação de recolhimento após o uso pelo consumidor, ou tributação diferenciada por tipo de produto.⁹

Como é exposto pela Consultoria Legislativa de Meio Ambiente e Direito Ambiental de dezembro de 2000, dentre outros documentos, alguns condicionantes¹⁰ estão presentes nos debates e são norteadores da legislação ambiental de resíduos sólidos presentes na primeira década do século XXI. Mas a prática da reciclagem ainda não é efetiva. Por exemplo, a separação do lixo domiciliar em orgânico e inorgânico¹¹ pela população do município de Uberlândia começou há poucos anos e ainda é uma prática não muito usual na maioria dos habitantes. Isso é perceptível na fala dos catadores ao dizerem se haviam percebido mudanças na cultura da população quanto a separar o lixo urbano:

Algumas pessoas mudaram. Quando a gente está catando lá de fora, na rua [...], a gente passa e já tem aquele material todo separadinho nas lixeiras ou tem uns que já abrem a porta e já te entregam. Mas nas empresas não! As empresas continuam mandando comida, põem lixo orgânico mesmo, põem fraudas, folhas, pacotes de folhas para aqui dentro. São coisas assim — tem vez que até bicho morto: abre o saco e aquele cheiro insuportável. Como você vai reciclar um passarinho morto? Como você vai reciclar uma comida que você já jogou fora? Todo mundo sabe disso. No caso das empresas, a gente tá procurando saber o que vai fazer: ou colocar um de nós lá dentro, ou tentar de novo fazer uma palestra com eles.¹²

No que se refere à população de Uberlândia, de fato, separar ou não o lixo, eis o que diz um catador de outra região da cidade entrevistado: “Tem muita gente que sim... e muita gente que não tá separando o lixo... entrega tudo misturado”.¹³ Ao ser questionado sobre o aumento, em 11 anos de coleta, do número de pessoas que separam e dividem o lixo, diz o entrevistado:

⁹ JURAS, Ilidia da A. G. Martins. *Destino dos resíduos sólidos e legislação sobre o tema*. Consultora Legislativa da área XI, Meio Ambiente e Direito Ambiental. Organização Territorial, Desenvolvimento Urbano e Regional. Câmara dos Deputados, 2000, p. 6.

¹⁰ Outros condicionantes são a complexidade das discussões sobre a produção de metano (o mais simples dos hidrocarbonetos, gasoso, incolor; formeno. [Fórm.: CH₄]. Um dos gases responsáveis pelo Efeito Estufa.) através de resíduos sólidos. E “[...] quanto aos resíduos radioativos, foi aprovado na Câmara dos Deputados um Substitutivo ao PL 189/91, do Senado Federal, pelo qual todo o controle por esses rejeitos é atribuído à Comissão Nacional de Energia Nuclear — CNEN” (JURAS, 2000, p. 6).

¹¹ “Segundo o Prof. João Tinoco, consultor da Organização Mundial de Saúde, menos de 3% do lixo passa por processos de compostagem e apenas 2% é reciclado” — JURAS, 2000, p. 5.

¹² PEREIRA, Luciene G. Uberlândia, 4, nov. 2010. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a nós.

¹³ OLIVEIRA, Wagner Antônio. Uberlândia, 1º jun. 2010. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a nós.

“Muita gente tá é muita gente não tá ainda dividindo o lixo... continua a mesma coisa... não mudou nada”.¹⁴ Diante de nossa insistência na indagação acerca da mudança (ou falta de mudança) nessa situação de dez anos para cá, ele foi taxativo: “Nada... as pessoas continuam colocando o lixo da mesma forma”.¹⁵

É certo que estamos num momento de transição de atitudes em relação ao meio ambiente e que há um longo caminho a ser percorrido até a conquista da mudança de postura. O ideal seria que todos se responsabilizassem pelo próprio lixo: da extração da matéria-prima ao descarte pelo fim da vida útil do produto, o que demanda o consumo consciente,¹⁶ o destino dos resíduos¹⁷ e a reciclagem. São aspectos essenciais contidos na teoria do desenvolvimento sustentável, isto é, o reaproveitamento de matérias-primas (a economia de capital natural).

Essa conceituação ressalta a questão da solidariedade diacrônica, imperativo ético segundo o qual as gerações presentes devem assumir a responsabilidade pelo ambiente que legarão as gerações futuras. Contudo, a tradição e as práticas vigentes de mensuração de renda nacional não incorporam considerações acerca das conseqüências ambientais do desenvolvimento econômico, não levando em conta, portanto, as relações do presente com o futuro.¹⁸

A forte referência do século XXI é que as ações humanas devem estar focadas na preservação e na sustentabilidade do planeta. Prova disso é a busca da estruturação e implantação da Agenda 21,¹⁹ embora em boa parte dos municípios brasileiros, inclusive Uberlândia, as práticas estejam distantes dos preceitos de tal agenda. Alega-se que o montante de lixo enviado aos aterros deve diminuir muito quando a coleta seletiva municipal com os ECOcaminhões — que hoje percorrem só o bairro Santa Mônica — estender-se a todo o perímetro urbano, conforme noticiou o *Correio de Uberlândia*:

¹⁴ OLIVEIRA, 2010, entrevista.

¹⁵ OLIVEIRA, 2010, entrevista.

¹⁶ Política dos três Rs: reduzir, reutilizar e reciclar — cf. LAYARGUES, Philippe. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. LOUREIRO, F.; LAYARGUES, P.; CASTRO, R. (Org.). Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002, 179–220.

¹⁷ Restos gerados em todas as atividades humanas.

¹⁸ CALDERONI, 2003, p. 52.

¹⁹ Principal documento produzido na RIO-92, a Agenda 21 é um programa de ação que viabiliza o novo padrão de desenvolvimento ambientalmente racional. Ele concilia métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. Este documento está estruturado em quatro seções subdivididas num total de 40 capítulos temáticos. Eles tratam dos temas como: dimensões econômicas e sociais, conservação e questão dos recursos para o desenvolvimento, revisão dos instrumentos necessários para a execução das ações propostas e a aceitação do formato e conteúdo da Agenda — cf. GEISEL, Monica Rodrigues. *O conceito de desenvolvimento sustentável: um grande desafio para o século XXI*. 2008. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências da Saúde e Meio Ambiente) — Centro Universitário Plínio Leite, Niterói, 2008.

Quando estiver funcionando em toda a cidade, a produção diária de lixo, estimada em 400 toneladas, será reduzida em 72 mil quilos. O projeto começa a funcionar na terça-feira (18/01/2011) no bairro Santa Mônica, zona Leste, e o percentual previsto de redução de quantidade é de 18% no bairro.²⁰

A ação municipal de recolher o lixo com potencial reciclável e entregá-lo às três maiores cooperativas de reciclagem — CORU; Associação dos Catadores e Recicladores Autônomos de Uberlândia (ARCA) e Cooperativa de Recicladores de Resíduos Sólidos e Materiais Recicláveis de Uberaba (COOPERU) — para que realizem a triagem²¹ e o comercialize não significou o caminho mais viável para solucionar a deficiência da coleta seletiva nem melhorar as condições de vida da maioria dos catadores. Tal ação tem o mérito de aumentar consideravelmente o fluxo de recicláveis arrecadados por elas, segundo o secretário municipal de Serviços Urbanos Vilmar Ferreira: “Vamos dar dignidade às pessoas que trabalham com reciclagem. Elas não precisarão mais recolher o material na rua”.²² Na ótica da administração pública local, o catador autônomo não é visto como agente positivo da/na reciclagem, isto é, a “dignidade” vem por meio da participação nas cooperativas e centra-se na realização das atividades de triagem, separação e prensagem, e não necessariamente na coleta. Para o catador autônomo, a implantação da coleta seletiva significa, na prática, uma disponibilidade menor de materiais na rua para recolher, o que não facilitará sua luta pela sobrevivência.

1.2 Catadores e sucateiros

O ofício de coleta de recicláveis consta na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) desde 2003. Mas — pode-se afirmar — é uma atividade secular.

A cadeia produtiva da reciclagem no Brasil conta com o trabalho anônimo e não reconhecido pela sociedade de centenas de milhares de catadores e catadoras organizados e não organizados. O trabalho destes indivíduos tem contribuído para o aumento dos índices de reciclagem de maneira significativa no país e sem custos para a administração pública, além de se configurar como um caminho de inclusão social para os mesmos.²³

²⁰ NAKAMURA, 2011.

²¹ O município de Uberlândia tem o prazo de entrega dos três galpões prometidos até julho de 2011; o valor estimado do investimento é de R\$ 1,2 milhões — NAKAMURA, 2011.

²² STAVALI, Gustavo. Duas toneladas de lixo são recolhidas. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 20 jan. 2011. Cidade, *on-line*.

²³ GONÇALVES, 2003, p. 144.

No caso de Uberlândia, a realidade dos catadores²⁴ se assemelha e se distancia, em alguns pontos, da realidade de outras cidades onde há uma literatura maior²⁵ sobre o assunto reciclagem, a exemplo de cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde é apontado que os catadores têm a atividade de coleta como primeiro ofício e fonte de subsistência. Em dois anos entrevistando pessoas, fazendo observação de campo e tendo diálogos informais, percebemos que, em Uberlândia, grande parte pratica a coleta como complemento da renda²⁶ e que, também contrariando as estatísticas dessas outras regiões, a maioria dos catadores tem casa própria de alvenaria ou moram com familiares em tais casas. Além disso, notamos que, tal qual nas demais cidades brasileiras, em Uberlândia existem várias modalidades de catadores: moradores de rua, coletores que encaram a atividade como profissão autônoma, coletores que trabalham noutras profissões e captam alguns materiais só para ampliarem a renda mensal e, enfim, recicladores cooperados — foco desta pesquisa.

Os catadores moradores de rua têm como fonte de subsistência, além da mendicância e do assistencialismo social, a coleta de materiais recicláveis. Tais pessoas, a maioria do sexo masculino, vivem o dilema de não ter um lar para retornar ao fim da jornada diária. Encontram-se totalmente à margem do mercado de trabalho, isto é, não têm trabalho regular, por isso têm, na atividade de catar lixo, uma forma de ganhar dinheiro. Porém, estão subinseridos mesmo nessa atividade: são os mais explorados pelos atravessadores, são facilmente substituídos por outros e são os que trabalham nas piores condições — sem equipamento de proteção e com alimentação parca; além disso, muitos são alcoólatras ou dependentes de drogas — às vezes são os dois. Alguns têm carrinhos de coleta que, em muitos momentos, servem de moradia, pois os utilizam como dormitório ou proteção nas calçadas e praças, à sombra de viadutos e fachadas, dentre outros espaços públicos. Como o mais habitual é estarem sempre juntos a seus carros de mão — pois não podem guardá-los —, também ocorre de os deixarem com o sucateiro (há casos em que este — o atravessador — empresta o carrinho ao coletor que mora na rua). Essas pessoas não têm lugar para acumular

²⁴ Sobre a falsa inclusão dos excluídos do mercado de trabalho, tem-se este fragmento: “Coletar lixo é uma atividade excludente pela própria natureza do tipo de trabalho. Entretanto, a mídia em geral, alguns estudiosos e instituições de diversos setores divulgam que a catação constitui uma possibilidade de inclusão social de uma parcela de trabalhadores”. MEDEIROS, Luiza Ferreira de Rezende; MACÊDO, Kátia Barbosa. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, Goiânia: G&DR, n. 18, v. 2, p. 15, maio/ago. 2006, p. 15.

²⁵ Por exemplo: CALDERONI, 2003; MAGERA, M. *Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade*. Campinas: Atomo, 2003; MIURA, P. C. O. *Tornar-se catador: uma análise psicossocial*. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) — Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2004; e PORTO, M. F. S.; JUNCA, D. C. M.; GONÇALVES, R. S.; FILHOTE, M. I. F. *Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil*. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 20, v. 6, p. 1.503–14, jul. 2004.

²⁶ Em geral, trabalhadores da construção civil, pintores, eletricitas, domésticas, diaristas, babás, costureiras e aposentados.

suas coletas, então as vendem diariamente, o que gera sempre mais exploração e desvalorização do material pelo sucateiro. Esse grupo apresenta mais necessidade de dinheiro imediato e é o que mais pratica a catação de forma sazonal.

Outra modalidade de catadores são os que agem de forma autônoma ou como negócio familiar. Têm carrinhos, espaço para armazenamento (na própria residência, seja casa própria ou não), em muitos casos possuem balança e vendem seus materiais para diversos sucateiros: para uns, os plásticos; para outros, os metais, e assim sucessivamente; podem levar até o sucateiro ou, dependendo da quantidade em peso acumulada, o atravessador vai buscar. Como exemplo desse tipo, temos o coletor e separador Vladimir, que coleta diariamente, salvo nos domingos, e acumula mensalmente em seu quintal uma média de 1,2 mil quilos só de papelão.

Esses coletores autônomos não se associam a outros catadores, pois acreditam em seu potencial e temem trabalhar mais que seus parceiros associados e ganharem o mesmo. Mais que isso, a ideia de autonomia de realizarem a atividade da forma que bem entendem os atrai muito. Os que se dedicam à coleta como forma de completar a renda, em geral, prezam por sua independência; conciliam seu horário de coleta com os de outro ofício e, na atividade de reciclagem, experimentam a sensação de serem seus próprios patrões. Nessa condição observa-se um grande número de aposentados (por tempo de trabalho ou invalidez) que coletam para ampliar a renda familiar e é muito costumeiro praticarem a catação de recicláveis para se sentirem úteis — por terem trabalhado sempre, não se acostumam a ficar em casa ou “parados”.

Enfim, os catadores de recicláveis cooperados, foco desta pesquisa. São os que estão mais conscientes do sistema de reciclagem brasileiro. Em geral experimentaram outros ofícios e outras formas de contratos de trabalho; como cooperados, procuram assegurar algumas vantagens, tais como se manterem vinculados à Previdência Social pelo Plano Simplificado,²⁷ serem tratados com mais respeito e confiança e se protegerem da excessiva exploração econômica dos atravessadores e sucateiros. No dizer de um cooperado:

A gente reuniu uma equipe de catadores na perspectiva de estar reunindo as forças e se organizando e, como um dos principais objetivos é estar saindo do atravessador, a gente poder vender nosso material todo, juntando as forças e estar vendendo diretamente para as fabricas, para estar agregando valor ao nosso material. Esse foi um dos principais objetivos da criação da cooperativa e de uma forma, né?, de organização, como catadores. Sair do atravessador é um dos principais objetivos [pelo] qual ainda até hoje estamos lutando, ainda estamos nessa perspectiva aí.²⁸

²⁷ Contribuir para a Previdência Social através do Plano Simplificado significa pagar o percentual de 11%, e não 20%, do que arrecada, tendo direito a todos os benefícios, exceto aposentadoria por tempo de contribuição.

²⁸ PASSOS, João Batista Ferreira dos. Uberlândia, 20 fev. 2010. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a nós.

Os sucateiros exercem, como função remunerada, a compra e venda de materiais recicláveis e a encaram como primeira e ou segunda fonte de renda. Em Uberlândia, existem quase 400 ferros velhos²⁹ e sucateiros com mais de 40 anos de ofício. Seu trabalho é comprar e vender material reciclável. O que os diferencia entre si nessa prática autônoma, com ou sem registro,³⁰ são os fatores relacionados à estrutura física de que dispõem: tipo de balança, prensa, tamanho do espaço de armazenagem do material, meio de transporte, material preferido comprar, forma de pagar e receber. A balança é a ferramenta principal de seu trabalho, pois é nela onde se visualiza o que entrou e saiu em peso de seu depósito, ou seja, o que foi comprado do catador e o que foi vendido para as indústrias de reciclagem ou até para outro atravessador de maior porte.³¹

Os valores pagos pelo peso de cada tipo de material³² já é “pré-determinado” pelos grandes compradores, que são as indústrias de recicláveis, as quais compõem parte fundamental do mercado de reciclagem. Fundamental porque, por exemplo, com a crise econômica mundial ocorrida no fim de 2008, início de 2009, alguns sucateiros confirmam que a coleta foi reduzida bruscamente. A diminuição da produção industrial gerou enorme queda no preço dos materiais recicláveis.

O sucateiro que tem em seu espaço uma prensa enfardadeira tem vantagens em comparação com outro que não a tem, pois agrega mais qualidade a seu produto. O atravessador que possui prensas é aquele de médio a grande porte, pois o valor desse equipamento chega a R\$ 12 mil, e a instalação de energia trifásica, necessária para seu funcionamento, não sai por menos de R\$ 1,5 mil.³³

O espaço disponibilizado pelo sucateiro, também, agrega valor ao produto, pois as indústrias de recicláveis só compram em peso — acima de uma tonelada;³⁴ assim, quanto mais limpo e bem dividido e organizado for o material, mais valorizado será. Há o dilema da sujeira contida nos recicláveis, que pode transformar o local de depósito (sobretudo os de pequeno e médio porte) em criadouros de insetos e roedores transmissores de doenças.

²⁹ Cf. MAGALHÃES, Ângela Cristina Borges. *O espaço dos resíduos sólidos domiciliares e de sua logística reversa na geografia urbana* [manuscrito]: diagnóstico e modelo de gestão pró-ativo. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

³⁰ A maioria não tem alvará de licença nem licenciamento ambiental.

³¹ Cf. GRIPPI, 2006; GONÇALVES, 2003; também obtivemos dados mediante observação nos depósitos.

³² Valor por quilo: ferro “sucata”: R\$ 0,12; plástico: R\$ 0,60; alumínio: R\$ 1,80; papelão: R\$ 0,20. Valores fornecidos em setembro de 2010, em diálogos informais com o sucateiro Antonio Carlos e com alguns catadores autônomos.

³³ Dados obtidos com os cooperados.

³⁴ Há possibilidade de venda com peso acima de 500 quilos, pois alguns sucateiros buscam esse peso — cf. MAGALHÃES, 2010.

Os caminhões, as caminhonetes, as peruas Kombi, as carrocinhas de engate em veículo, dentre outros meios de transporte de objetos, são necessários para os atravessadores de pequeno a médio porte. São essenciais para que possam transportar e vender aos compradores que mais lhe interessarem — como dissemos há pouco, as indústrias de reciclagem só compram e vão buscar se a quantidade for grande. Se dispuser de meio de transporte próprio, o sucateiro pode escolher qual material acumular e vender cada tipo ao comprador que preferir.

Por ser um ofício antigo, existem regras claras. Em Uberlândia, há delimitação quanto à localidade permitida à instalação desses empreendimentos, como aponta Magalhães:

O Código Municipal de Posturas, lei nº. 4.744/88, tem determinações expressas, em sua Seção III, cuja temática é sobre os depósitos de ferros-velhos e define em seu art. 186, que: Somente será permitida a instalação de estabelecimentos comerciais destinados à depósito, compra ou venda de ferros-velhos, papéis, plásticos ou garrafas, dentro do perímetro estabelecido pelos seguintes limites: começa no cruzamento da BR-365 com o Anel Rodoviário, daí segue por este Anel Rodoviário, no sentido Distrito industrial, até o cruzamento com a BR-050; daí, segue pela BR-050 até o Trevo Régis Bittencourt; daí segue pela Av. Profª. Minervina Cândida de Oliveira até o trevo do Vau, daí segue pela BR-365 até o ponto onde teve início esta descrição.³⁵

O principal comprador da CORU é o Butelão, empresa que construiu várias instalações ao longo de mais de 30 anos, na avenida Floriano Peixoto, em Uberlândia. Administrada pelo proprietário, Jerônimo, era um pequeno negócio, como descreve eu o funcionário Rodrigo:

Bom, faz só seis anos que trabalho aqui. O Butelão começou simples, com reciclagem, depósito de reciclagem, reciclagem normal, sacola plástica, papelão. Antigamente mexia com alumínio também, hoje já não trabalha com alumínio, mais ferro, nada; só estamos mexendo mesmo na área de papelão e plástico, e hoje temos a fábrica de sacolinha também, que não fica aqui. É engraçado: ao mesmo em tempo que a gente ajuda o meio ambiente, a gente devolve mais lixo para ele também, que são as sacolas. A gente ajuda o meio ambiente e ajuda a degradar também.³⁶

Administrada pelo filho de Jerônimo, Elvio Alvez do Prado, hoje a empresa não comercializa mais metal; especializou-se em papelão e plásticos. Tem dois espaços principais: a sede administrativa,³⁷ onde ficam os papelões e plásticos (polietilenos) rígidos tipos polipropileno (PP), policloreto de vinila (PVC) e polietileno de alta densidade (PEAD), em

³⁵ MAGALHÃES, 2010, p. 105.

³⁶ RODRIGO, Astrosoaldo Plutão. Uberlândia, 20 fev. 2010. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a nós. Esse informante não nos autorizou a divulgar sua identidade, por isso usamos aqui nome e sobrenome fictício.

³⁷ Endereço da sede administrativa do Butelão: alameda João Leão 6.363, Uberlândia, MG.

forma de autopeças, potes em geral, tubos e conexões, utilitários domésticos e sacolas plásticas (polietileno de baixa densidade/PEBD); na outra instalação, próxima à sede, fica o plástico de frascos de refrigerante (politereftalato de etileno/PET). Essa empresa possui vários caminhões e caçambas, utilizados tanto no recolhimento de recicláveis como no envio para as indústrias.

O Butelão inovou ao enviar e manter funcionários e balanças em alguns supermercados, como explica Rodrigo:

[N]As empresas onde a gente coloca funcionário [por exemplo, nos supermercados] Bretas, [os recicláveis] são nossos; lá, a gente tem prensa e funcionário, então a gente paga um valor menor. [...] Somos prestadores de serviço. Todo papelão e plástico [são] deles [do Butelão], a gente tem um funcionário lá e a prensa. Aí ele já manda prensado, cada estabelecimento tem uma prensa.³⁸

Ao ser indagado sobre a atuação como intermediário fora do perímetro de Uberlândia, a resposta esta: “Sim, [atuam em] Tupaciguara, Araguari, Monte Alegre, Ituiutaba, Uberaba, Monte Carmelo, Patos de Minas e Patrocínio”, cidades mineiras.³⁹

Rodrigo confirma a grande dimensão do fluxo de material no estabelecimento pelo qual é responsável. Além da dimensão do montante de material, há variedade de relações com catadores e cooperativas, especificamente no tocante à CORU: “A CORU é maior que a delas, mas, depois que pegou fogo, diminuiu um pouco. Mas em termos de cooperativa é a maior de Uberlândia [...] Tem o Recicla, em Ituiutaba, que é maior. A gente até comprava deles, mas acho que estão vendendo direto”.⁴⁰ A atitude da Recicla confirma a possibilidade de abandonar os atravessadores que as cooperativas autogestionárias⁴¹ de reciclagem têm após cumprirem critérios (quantidade, qualidade, frequência e forma de pagamento) impostos pelo mercado de reciclagem (cf. item 3.1).

³⁸ RODRIGO, 2010, entrevista.

³⁹ RODRIGO, 2010, entrevista.

⁴⁰ RODRIGO, 2010, entrevista.

⁴¹ Autogestão: quando a empresa é gerenciada pelos próprios trabalhadores, que se fazem representar por direção e por um conselho de gestão — GONÇALVES, 2003.

Capítulo 2

HISTÓRICO DE LUTAS DA CORU

A Cooperativa⁴² de Recicladores de Uberlândia (CORU) foi criada em 28 de junho de 2003, mas foi inaugurada só em 2004, no dia 28 de março, e instalada à rua Tomazinho Rezende 2.001, bairro Daniel Fonseca, com a comunhão de diversos catadores residentes em Uberlândia. “Ao todo são 43 cooperados,⁴³ entre 32 que recolhem os materiais nas ruas e 11 que fazem a triagem na sede da cooperativa. A entidade processa mensalmente 16 toneladas dos mais diversos materiais como papel, papelão, plástico e metais, principalmente o alumínio”.⁴⁴

No início, a CORU tinha um número maior de pessoas envolvidas. Hoje conta com 22 cooperados. O que nunca mudou foi à perseverança.

Mesmo tendo apoio da Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Meio Ambiente, com o espaço e maquinário para prensar os materiais recicláveis, para iniciar as atividades, a Coru teve que investir R\$ 4 mil para arrumar o barracão e ainda conseguiu um empréstimo de R\$ 16,7 mil no Banco do Povo. “Por isso, ainda estamos pagando, mesmo porque as primeiras cargas foram roubadas e perdemos em torno de R\$ 7 mil. Se só com seis meses poderíamos ter um ganho tão grande, o resultado do ano que vem deve ser bem melhor”, fala do fundador presidente Francisco Alves Ferreira.⁴⁵

Os empréstimos feitos no Banco do Povo foram quitados no primeiro semestre de 2011. Mas houve renegociação na gestão do presidente João Batista, que organizou o pagamento das parcelas mensalmente. Também foram regularizados os cheques sem fundos no Banco do Brasil durante essa gestão.

A prefeitura de Uberlândia encerrou o acordo com a CORU alegando falha na prestação de contas ao município e aos demais cooperados. “Os 34 cooperados que faziam parte do programa de coleta seletiva têm até o dia 5 de julho para deixar o barracão no bairro Daniel Fonseca, onde ficam depositados os recicláveis recolhidos em empresas da cidade e

⁴² Todas as cooperativas em mineiras devem ser registradas na Junta Comercial do Estado (JUCEMG), em Belo Horizonte.

⁴³ Segundo o presidente João Batista Ferreira dos Passos, no ato de fundação eram 22 catadores associados e 43 famílias ligadas direta e indiretamente.

⁴⁴ SILVA, Selma. “Lixo” dado por empresa ajuda catadores da CORU. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 3 jan. 2005. Cidade, *on-line*.

⁴⁵ TIBÚRCIO, Luciana. Cooperativa de catadores tem números positivos. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 12 out. 2005. Cidade, *on-line*.

adquiridos dos catadores de rua conveniados.”⁴⁶ O assessor da Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável Claudio Guedes explicou que os erros estavam na ausência do pagamento de dois empréstimos feitos no Banco do Povo, na falta de esclarecimentos sobre *o quanto e o que* estava sendo transportado pelo caminhão emprestado pela prefeitura e na falta de descrição da divisão de renda adquirida com a coleta.⁴⁷

A CORU foi transferida para a avenida Sideral 1.889, bairro Jardim Ipanema, em espaço alugado de empresários e com uma prensa cedida. Houve ajuda de pessoas que acreditavam em seu desenvolvimento.⁴⁸ A cooperativa passou por dois grandes incêndios: um no galpão do Jardim Ipanema, outro quando se localizava na rua Itabira 1.730, bairro Daniel Fonseca. Não houve feridos, pois os incêndios aconteceram à noite.

Todavia, segundo a cooperada Luciene, a CORU apresentou alguns apuros: “Nossa, tem muitos problemas que a gente passou, as duas queimadas que a gente teve, tivemos atentados, quase fechamos na época que várias cooperativas fecharam, quando o preço baixou muito. É bastante coisa”.⁴⁹ Questionada sobre os incêndios — como foram e onde estavam as pessoas —, eis o que ela disse: “Sim, tivemos uma [queimada] que foi em 2008, no Ipanema, e outra agora. Eu moro lá perto, então, quando eu cheguei lá, já não tinha mais nada”.⁵⁰ Sobre as causas dos incêndios, eis o que diz a cooperada:

A gente não tem muita certeza, mas — como dizem — [foi] mais para o lado criminal. Tem muitos fumantes, drogados, essas coisas. A gente imagina, mas não conseguiu ter certeza até hoje. Como é um lugar que tem muito papel, não pode chegar com fogo de jeito nenhum, uma brasnha que cair, vai embora.⁵¹

Ao ser indagada sobre a possibilidade de os incêndios terem sido obra de politicagem ou da concorrência, ela diz que “Não [acha que tenha sido], não! Porque a gente não tinha desavença com ninguém, nem com quem saiu”.⁵²

O segundo incêndio, segundo ela,

⁴⁶ FERNANDES, Arthur. Prefeitura rompe parceria com CORU. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 2 jun. 2005. Cidade, *on-line*.

⁴⁷ O presidente fundador, Francisco Alves Ferreira, defende-se das acusações, explicando que, se houve falhas, foi devido à falta de experiência com administração e que os cheques — 16 — foram para custear o pagamento dos associados e que está, a duras penas, pagando os empréstimos no Banco do Povo. PASSOS, 2010, entrevista.

⁴⁸ Informação fornecida pelo presidente João Batista Ferreira dos Passos e por membros da incubadora da Universidade Federal de Uberlândia/UFU (apresentada mais adiante).

⁴⁹ PEREIRA, 2010, entrevista.

⁵⁰ PEREIRA, 2010, entrevista.

⁵¹ PEREIRA, 2010, entrevista.

⁵² PEREIRA, 2010, entrevista.

[...] foi ali, quando eu cheguei já havia tudo sido queimado, aquela bagunça toda lá de fora, o Corpo de Bombeiros estava lá de fora. Eles acham que foi alguém que tava fumando e deixou cair o cigarro dentro da caçamba com papelão. [...] Os bombeiros lá de fora, aquela bagunça, foi um terror. Sempre acontece de madrugada. Quando eu cheguei na cooperativa Ipanema, ainda tinha fogo e quando cheguei aqui o fogo estava bem alto, dava para ver do ponto de ônibus, o fogo tava lá em cima, que ali tinha bastante máquinas que foram queimadas e bastante material pronto já. E foi em uma sexta-feira que a gente tinha deixado tudo pronto para vender, estava tudo pronto, a gente perdeu muito.⁵³

Um incêndio atrás do outro trouxe prejuízos que a cooperada descreve assim:

Essa última [queimada] foi a maior, e na primeira a gente perdeu material que não tava pronto, tínhamos vendido na sexta, e a queimada foi no domingo. Era muita coisa ali. A gente deve ter perdido umas duas toneladas, já tinha pronto e para fazê, fora as coisa do escritório que queimaram todas; também balança, prensa, que ficou muito tempo parada [...] não tinha a fiação dela, é a trifásica, a mais forte.⁵⁴

Todas as atas antigas foram queimadas. Durante semanas, os cooperados tiveram grande prejuízo na arrecadação de pagamentos. Hoje estão em pleno funcionamento, ocupando um espaço cedido pela prefeitura,⁵⁵ onde recebem lixo de vários parceiros apoiadores.⁵⁶ Contudo, desde então, segundo o presidente João Batista Ferreira dos Passos, muitas vitórias foram conseguidas após tantas batalhas. Aí se incluem a aquisição de duas peruas Kombi com

⁵³ PEREIRA, 2010, entrevista.

⁵⁴ PEREIRA, 2010, entrevista.

⁵⁵ Antiga fábrica de ração da Cooperativa Agropecuária Ltda. de Uberlândia (CALU), na rua Dolomita s. n., bairro Dona Zumira, e esperam novo galpão. Damos mais informações sobre isso no próximo capítulo.

⁵⁶ Dentre outros apoiadores, UFU-CIEPS/PROEX: assessoria e repasse de materiais recicláveis; Prefeitura de Uberlândia: cessão de um galpão; grupo Algar: repasse de materiais recicláveis; Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB): repasse de materiais recicláveis; Banco do Brasil: parceiro DRS/repasse de materiais recicláveis; Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL): repasse de materiais recicláveis; Cargill: educação ambiental; Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (CEMEPE): educação ambiental; Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Sólidos (CIEPS/PROEX/UFU): assessoria técnica e repasse de materiais recicláveis; Comercial Castro Neves Ltda.: repasse de materiais recicláveis; condomínio Gávea Hill: repasse de materiais recicláveis; Construtora Barbosa Melo: repasse de materiais recicláveis; colégio Nacional: repasse de materiais recicláveis e educação ambiental; Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE): repasse de materiais recicláveis; ONG Doe Seu Lixo: educação ambiental; Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos: repasse de materiais recicláveis; Escola da Criança: repasse de materiais recicláveis; ONG Emcantar: educação ambiental; Escola Municipal Sérgio Oliveira Marques: repasse de materiais recicláveis; Emplastique Indústria e Comércio: repasse de materiais recicláveis; Infraero: repasse de materiais recicláveis; Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável (INSEA): criação e desenvolvimento de modelos de gestão ambiental tendo como pressuposto básico a inclusão social; Missão Escola da Vida: parceiro telecentro comunitário; Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR): mobilização, articulação e defesa de direitos da categoria; ONG Periferate: educação socioambiental; Receita Federal Uberlândia: repasse de materiais recicláveis; Secretaria Estadual de Fazenda de Minas Gerais: repasse de materiais recicláveis; Sindicato dos Trabalhadores Técnicos Administrativos da UFU (SINTET): repasse de materiais recicláveis e educação ambiental; 36º Batalhão de Infantaria Motorizada (BIMTz): repasse de materiais recicláveis; Uberlândia Refrescos: repasse de materiais recicláveis e educação ambiental.

carretinhas — uma pelo projeto de iniciativa privada, outra por doação —, uma prensa⁵⁷ e a vinda de novos parceiros. Diz ele: “[...] voltamos ter a credibilidade com a sociedade e reiteramos a parceria com a prefeitura”.⁵⁸ Outro ponto de que ele não se esquece é a melhora da autoestima que percebe em seus companheiros, por estarem trabalhando com algo que traz resultados positivos para a sociedade e o meio ambiente e serem seus próprios patrões. Assim, sentem-se mais livres e emancipados.

⁵⁷ Conseguiram a prensa via ONG Doe seu lixo, do Rio de Janeiro, e Coca-cola Brasil.

⁵⁸ PASSOS, 2011, entrevista.

Capítulo 3

NOVOS HORIZONTES DE REFLEXÃO

3.1 Aspectos econômicos do lixo

O trabalho⁵⁹ de coleta e separação de lixo é atividade que compõe a tarefa de reciclar, que por sua vez se insere nos preceitos do desenvolvimento sustentável, isto é, praticar desenvolvimento econômico reduzindo ao máximo possíveis prejuízos para o meio ambiente e as gerações futuras. Esse é o caso da Cooperativa de Recicladores de Uberlândia (CORU) em sua participação efetiva na economia solidária, isto é, economia de proximidade socioeconômica, economia popular. A economia solidária surge como opção à lógica dominante do capital. É a aposta na generosidade do ser humano, na capacidade de ver no outro um amigo e parceiro, e não só um concorrente, e saber que a empatia acontece espontaneamente, provocando envolvimento de vidas com seus sofrimentos e conquistas e de objetivos comuns.

A economia solidária é uma criação em processo contínuo de trabalhadores em luta contra o capitalismo. [...] O que ela condena no capitalismo é antes de tudo a ditadura do capital na empresa, o poder ilimitado que o direito de propriedade proporciona ao dono dos meios de produção: todos os que trabalham na empresa só podem fazê-lo por ato de vontade do capitalista, que pode demitir qualquer um tão logo sua vontade mude.⁶⁰

Pode-se perceber na fala de Singer sobre a economia solidária o incômodo com a economia dominante neoliberal, que trata o trabalhador de forma utilitarista, o que é também combatido pelo cooperativismo, abordado no próximo item deste capítulo. O “consumo solidário” e “consciente”⁶¹ está diretamente relacionado com a reciclagem e proteção do meio ambiente. O consumo consciente ocorre quando escolhemos produtos de real utilidade, de empresas populares ou novas no mercado; quando damos preferência à produção local, a

⁵⁹ “Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla o seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. A atuar, por meio desse movimento sobre a Natureza externa a ele, e ao modificá-la, ele modifica a sua própria natureza.” MARX, Karl. *O capital*. Livro I, capítulo VI. São Paulo: ed. USP, 1978, p. 148.

⁶⁰ SINGER, Paul Israel. *Economia política do trabalho*: elementos para uma análise histórico-estrutural do emprego e da força de trabalho no desenvolvimento capitalista. São Paulo: Hucitec, 1932; p. 13.

⁶¹ Cf. a cartilha *Outro Consumo é possível*, criada pela rede de economia solidária composta por Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas (CICAF), Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo (CEFURIA) e Rede de Educação Cidadã — Talher Paraná. 2009.

produtos reutilizáveis cuja fabricação não contenha extrema exploração dos trabalhadores e que apresentem uma proposta ética.

As discussões de cunho econômico relacionadas aos resíduos são de enorme importância para o desenvolvimento de educação e responsabilidade de todos nós.

O mercado do lixo tem características próprias.

Uma primeira característica econômica peculiar do lixo é seu preço negativo. É negativo porque proprietário ou detentor — ao contrário do que ocorre usualmente com os demais bens da economia — está disposto a pagar para dele se descartar.⁶²

A população que produz o lixo em espaços públicos ou privados — residências, hotéis, escolas, empresas, igrejas, parques, *shoppings centers*, bares, teatros, hospitais e outros — pagam impostos para a manutenção, constante e regular, do serviço de coleta que retire o lixo das calçadas e dos demais espaços. Isso confirma a responsabilidade pelo lixo que produzem para o setor público. Assim, “O preço é negativo porque há sempre um custo de disposição final. Trata-se de uma externalidade negativa. A reciclagem vem a ser uma alternativa para tornar positivo esse preço negativo ao transformar o lixo em insumo produtivo”.⁶³

Outro fator econômico presente na questão do lixo é o constante aumento do consumo, que é um potencializador da produção capitalista, mantida por meio das inovações dos bens de compra, aumentos das necessidades propagandeadas pelos meios de comunicação e pela obsolescência programada.⁶⁴ Assim, a produção de lixo é inevitável e resulta do próprio ato de produzir e da utilização ou do fim da vida útil dos bens de consumo. Tudo o que se produz, cedo ou tarde, torna-se lixo.

Outro ponto a destacar em favor da adoção da reciclagem é a contínua exaustão das matérias-primas, finitas não só no mundo, mas também — e de maneira diferenciada — em cada um dos países consumidores:

A acessibilidade diferenciada às fontes de suprimento de matérias-primas, ao longo do tempo, constitui a base geográfico-econômica deste problema. Mesmo em situação em que as matérias-primas se acham disponíveis, tendem a serem crescentes seus custos de extração e transporte. No caso da extração, isto se dá porque são normalmente exploradas primeiramente as áreas mais próximas, e assim sucessivamente, até atingirem-se as mais distantes, que podem situar-se no exterior.⁶⁵

⁶² CALDERONI, 2003, p. 65.

⁶³ CALDERONI, 2003, p. 65.

⁶⁴ Tática das indústrias e dos mercados que impõe tempo de vida reduzido aos bens de consumo para aumentar a produção e venda. Surgiu na década de 1930 em países capitalistas.

⁶⁵ CALDERONI, 2006, p. 35.

Por sua vez, a economia de energia⁶⁶ representa outro forte condicionante para reciclagem. No Brasil, a forma mais usual e econômica de produzir energia elétrica é através de usinas hidrelétricas. Mas, devido à irregular distribuição regional de recursos hídricos e ao ineficiente investimento, vivemos na iminência de apagões em períodos de estiagem.

Por fim, a reciclagem permite a geração de renda para trabalhadores marginalizados no mercado de trabalho formal. Se não é a solução, não deixa de ser uma alternativa de sobrevivência.

O material reciclável é um produto cujo custo já foi definido e pago enquanto embalagem, e a mais valia é quase inexistente, pois a coleta e o beneficiamento são realizados à margem da crítica e da sociedade. Os catadores trabalham como se fossem invisíveis, sem valorização, e isso é possível porque o mercado é oligopsônico.⁶⁷

Prosseguindo com a abordagem das características próprias do mercado do lixo, ou seja, dos aspectos econômicos que norteiam a compra e venda de resíduos sólidos, dentre eles estão, segundo Gonçalves (2003), o cumprimento das quatro leis de mercado, isto é, de exigências surgidas nas últimas décadas do comércio de resíduos. Essas leis paramentam a qualidade e o valor. Assim, sua execução contribui para agregar mais valor ao material que o catador autônomo ou o cooperado detêm e, com isso, pode obter maiores preços e até vender diretamente para a indústria recicladora.

A CORU conquistou as quatro leis de mercado:⁶⁸ quantidade, qualidade, frequência e forma de pagamento. Como já foi dito, os atravessadores ou os grandes sucateiros e as empresas de reciclagem compram geralmente quando o peso está próximo ou equivalente ou superior a uma tonelada — a quantidade é fundamental para a negociação do material. E o que foi alcançado pela CORU.

O atual espaço disponibilizado para a cooperativa é uma antiga fábrica desativada de ração da CALU, que tem grandes cômodos, onde o material separado pode ser acumulado e chegar a ser entregue semanalmente — de três a quatro toneladas.⁶⁹ Esse material vendido é

⁶⁶ “A reciclagem de resíduos pode ensejar considerável economia de energia. Por exemplo, o papel produzido através de reciclagem permite redução de 71% da energia total necessária; o plástico 78,7%; o alumínio 95%; o aço 74%; o vidro 13%.” CALDERONI, 2006, p. 67.

⁶⁷ GONÇALVES, 2003, p. 143. O termo oligopsônico se refere à circunstância em que há um grande número de vendedores e um pequeno grupo de compradores, o que mantém reduzido os valores de venda — cf. GONÇALVES, 2003.

⁶⁸ Cf. GONÇALVES, 2003, p. 141 e 142.

⁶⁹ Dados fornecidos pelos cooperados e advindos de observação em campo.

tido como de grande qualidade pelo seu maior comprador — o Butelão⁷⁰ —, embora nem todo o material seja prensado, é atenciosamente dividido. O que gera qualidade são a organização, a separação e o fato de os resíduos sólidos estarem o mais livre possível de matéria orgânica. Tal importância fica evidente ao considerarmos a fala do funcionário Rodrigo, que trabalha há seis anos no setor administrativo da Butelão: “A gente já compra separado, nada misturado. Misturado não interessa para gente. A mão de obra é cara, não compensa”.⁷¹

Grande parte do material reciclável repassado pelos apoiadores, que são de empresas conveniadas que cedem o lixo produzido à CORU, é rejeitado no ato da coleta. Mesmo sendo provenientes de empresas que se propõem à divisão do lixo e que estão de acordo com as normas ambientais, ele se encontra misturado a materiais orgânicos e principalmente café. Existe um padrão de higiene a ser mantido no barracão, e a não rejeição desse material geraria o descumprimento dessas normas.⁷²

A frequência — outra lei importante, como afirma Gonçalves (2003) — é mantida até pelo ritmo de trabalho que os cooperados planejam. Em alguns lugares (Algar Tecnologias, condomínios residenciais e outros locais), eles coletam diariamente; noutros (DMAE), semanalmente e até mensalmente. Entregam todas às sextas-feiras, de manhã, para a empresa atravessadora Butelão, que busca o material na cooperativa com caminhão. Em sua entrevista, Rodrigo atestou a constância da CORU em entregar os recicláveis: “[...] exatamente toda a sexta-feira”.⁷³ Isso torna o pagamento em semanal e realizável após a entrega e a pesagem.

3.2 Essência do cooperativismo

Sempre houve cooperação entre os seres humanos, dado o seu caráter social. E temos como prova a sobrevivência da espécie, segundo Santiago Genovés:

Vimos que, nos mamíferos em geral, assim como nos primatas (somos mamíferos e primatas), os fatores de cooperação para a sobrevivência da espécie são mais importantes que os da luta. Eis por que podemos entender que a cooperação seja levada um grau extremo, mas não a luta.⁷⁴

⁷⁰ Empresa atravessadora e recicladora; também transforma parte do material que compra — nesse caso, fabrica sacolas plásticas brancas.

⁷¹ RODRIGO, 2010, entrevista.

⁷² Informações obtidas em observação de campo e em fontes como GRIPPI, 2006.

⁷³ RODRIGO, 2010, entrevista.

⁷⁴ No original em espanhol: “Vimos que en los mamíferos en general, así como en los primates (somos mamíferos y primates), los factores de cooperación para la supervivencia de la especie son más importantes que los de lucha. Podemos entender la cooperación llevada a un grado extremo, pero la lucha no” — GENOVÉS, Santiago. *Expedición a la violencia*. México: ed. UNAM (Facultad Nacional Autónoma de México), 1991, p. 47.

Por um lado, a cooperação tende a gerar realizações; por outro, apenas o embate entre dominante e dominado. O cooperativismo é um movimento econômico social que surgiu contrariamente ao alto grau de exploração dos operários ingleses após a Revolução Industrial.

O cooperativismo, enquanto doutrina, teoria, sistema ou movimento associativista de trabalhadores, é um fenômeno moderno oriundo da oposição operária às conseqüências do liberalismo econômico praticado na Inglaterra e na França do século XVIII e XIX. Desse modo, não se pode confundir o ato de cooperar com o cooperativismo, pois, enquanto o primeiro pode ser entendido como qualquer ato ou ação de colaborar com outras pessoas em qualquer formação socioeconômica, o segundo só pode ser entendido como um movimento social que procurou, através da associação, fugir de uma opressão social resultante de um determinado período histórico e de um determinado sistema, ou seja, o capitalismo concorrencial do século XIX.⁷⁵

O sujeito coopera por que é um ser social, e a viabilidade pessoal de cooperar com o grupo no qual coexiste é facilmente visível e comprovada. Considere-se o exemplo da CORU: quando associado a uma cooperativa, o sujeito aprecia melhores condições para uma sobrevivência digna. E é contrário às imposições do sistema econômico vigente no trato com o trabalhador.

O cooperativismo, como forma típica de associação, é um fenômeno relativamente moderno, haja vista seu surgimento datar do século XIX, não obstante se encontrem antecedentes mais remotos decorrentes do sentido de solidariedade que sempre se faz presente entre os homens, conquanto tais comportamentos, que, em essência, exteriorizando, concretamente, manifestações próprias e inerentes aos princípios do cooperativismo, não se apresentavam como concebidos no conceito, hoje institucionalizado.⁷⁶

No campo das práticas cooperativistas modernas, o pioneirismo coube a Robert Owen, de vertente ideológica hoje classificada como socialista utópico. Nascido no País de Gales, Grã-Bretanha, filho de artesãos e responsável pela administração de uma fábrica têxtil de que depois veio a ser sócio,

Owen havia transformado a grande fábrica de fios de algodão de New Lanark (Escócia) em colônia-modelo: trabalhadores, muito deles viciados, provenientes de meios heterogêneos, tornaram-se homens dignos; o alcoolismo substituído pela sobriedade, as arruaças pela ordem; as crianças, a partir de dois anos, eram educadas em escolas; a jornada de trabalho de 14 foi reduzida para 10 horas e meia; proibiu-se o trabalho de menores de 10 anos; criou-se amparo à velhice, bem como medidas previdenciárias até então desconhecidas (por exemplo, quando uma crise do algodão provocou a paralisação das fábricas por falta de matéria-prima, durante quatro meses, Owen continuou a efetuar os pagamentos, sem descontos).⁷⁷

⁷⁵ COSTA, Luciano de Souza. O cooperativismo: uma breve reflexão teórica. *Ciências Sociais em Perspectiva*, p. 55-64, ago. 2007, p. 59

⁷⁶ SILVA FILHO, Cícero Virgulino. *Cooperativas de trabalho*. São Paulo: Atlas, 2001, p. 22

⁷⁷ PINHO, Diva Benevides. *O cooperativismo no Brasil: da vertente pioneira à vertente solidária*. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 253.

Outro que merece destaque é François Marie Charles Fourier (a princípio inspirado por Owen, depois seu crítico) com a idealização dos falanstérios: comunidades fechadas onde haveria troca entre elas e as quais teriam o número máximo de quase 1,8 mil habitantes. Fourier acreditava na propriedade privada. Assim, todos seriam acionários na livre associação e na educação — que transformaria os homens em algo que eles não eram; a harmonia estaria na valorização das diferenças e das desigualdades, bem como na fé nas posições e paixões humanas.⁷⁸

O sistema de Fourier é uma variedade de socialismo de mercado, centrado na liberdade individual, na livre escolha dos trabalhos, organizados em equipes e na propriedade por ações dos meios de produção. O sistema é coerente: para que a liberdade humana culmine na paixão pelo trabalho é necessário que ninguém dependa dele para viver, o que requer uma renda cidadã que garanta a todos uma sobrevivência digna.⁷⁹

Sobre o fourierismo, tanto nos relatos quanto em suas próprias ideologias, existe muita contradição: Fourier era um socialista utópico ou um anarquista? Afinal, como afirma Gide,⁸⁰ não cita o Estado e afirma que a ordem social deveria ser baseada na atração? A principal obra de Fourier é *A harmonia universal e o falanstérios*. Não se sabe ao certo o número de falanstérios que ele fundou nem as datas, mas se acredita que sejam quase 30 comunidades — embora nenhuma tenha durado mais que cinco ou seis anos.

Owen e Fourier foram, ao lado de Saint-Simon, os clássicos do Socialismo Utópico. O primeiro foi, além disso, grande protagonista dos movimentos sociais e políticos na Grã-Bretanha nas décadas iniciais do século XIX. O cooperativismo recebeu deles inspiração fundamental, a partir da qual os praticantes da economia solidária foram abrindo seus próprios caminhos, pelo único método disponível no laboratório da história: o da tentativa e erro.⁸¹

Em 21 de dezembro de 1844, em Rochdale, distrito de Lancashire, em Manchester, Inglaterra, teve início a cooperativa de consumo Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale Ltda. Era um armazém formado por 28 operários da indústria têxtil com capital inicial de 28

⁷⁸ Cf. SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo (Org.). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000; PINHO, 2004.

⁷⁹ SINGER, 2000, p. 37.

⁸⁰ Charles Gide publicou sua obra de referência mundial — *Principes d'économie politique* — em 1883. Em obras posteriores, sintetizou seus princípios e enumerou as 12 virtudes do cooperativismo; também definiu a posição do cooperativismo no quadro das doutrinas econômicas e presidiu o segundo Congresso das Cooperativas de Consumo da França.

⁸¹ SINGER, 2000, p. 48.

libras esterlinas. Teve grande sucesso, usando as ideias de Robert Owen. Assim, criaram o método Rochdale,⁸² difundido no mundo todo.

Singer aponta alguns porquês de as associações cooperativas estarem em voga no mundo.

O surto das cooperativas de trabalho se explica pelas profundas transformações sofridas pelo mercado do trabalho, que são autêntica tragédia para o trabalhador. Em resumo, elas resultam do rápido crescimento da produtividade do trabalho, produzido pela revolução industrial em curso; da liberalização do comércio mundial, que tornou possível transferir quantidades cada vez maiores de postos de trabalho para países de baixos salários e poucos direitos sociais; a mesma liberalização ensejou a exportação em acelerado aumento de bens e serviços dos países para onde migram os capitais para os países em que o custo do trabalho é maior.⁸³

Sobre o constante aumento de associações cooperativas no Brasil, esse autor aponta como causa certas transformações ocorridas no mercado de trabalho global. Aí se incluem aumento brusco da operosidade do trabalho, fruto dos avanços tecnológicos do século XX, e a globalização do comércio e do capital, provocando a concentração dos campos de trabalho em países onde o trabalhador é menos remunerado e assegurado, onde a legislação trabalhista é tida como amena e onde há incentivo estatal a grupos empresariais estrangeiros.

O Brasil se encontra em situação intermediária: os salários aqui são menores do que no 1º. Mundo, mas maiores do que em países asiáticos, cujo câmbio supervalorizado (preço muito baixo das divisas estrangeiras na moeda nacional) barateia ainda mais suas mercadorias no exterior. Por isso, quando da abertura do mercado brasileiro às importações, a concorrência dos produtos do Extremo Oriente destruiu parte da indústria nacional e obrigou a restante a cortar custos como condição de sobrevivência. A adoção de tecnologia mais moderna tem sido uma das formas de corte de custos, mas ela exige investimentos em equipamento, que saem caros. Mais barato é substituir a mão-de-obra regularmente assalariada por prestadores de serviços, pois estes últimos não fazem jus aos direitos trabalhistas, que se aplicam somente aos primeiros.⁸⁴

Assim, Singer aponta que os resultados de tais transformações na economia global foram maiores a cada dia e com mais trabalhadores produzindo fora da guarda dos direitos

⁸² Os princípios eram administração da sociedade mediante eleição dos representantes dos associados em assembleias gerais; livre adesão e demissão dos sócios; direito de um voto apenas por associado; pagamento de juros limitado ao capital distribuído dos ganhos proporcionalmente às compras efetuadas pelos associados, depois de descontadas as despesas de administração, os juros correspondentes às cotas-partes, à porcentagem de depreciação das mercadorias inventariadas, à cota de reserva para aumento de capital e à porcentagem para educação; vendas efetuadas a dinheiro e não à vista — cf. PINHO, 2004, p. 261.

⁸³ SINGER, Paul. Cooperativas de trabalho. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/prog_cooperativatrabalho2.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2010, p. 1.

⁸⁴ SINGER, 1995, p. 1.

trabalhistas, conquistados no século XX e constantes na Constituição Federal de 1988, no Art. 7º. Novas formas de organização do trabalho surgiram e foram resgatadas com o intuito de sanar o desemprego⁸⁵ e possibilitar formas de relação menos exploratórias no trabalho. Para reduzir o prejuízo dos trabalhadores brasileiros via subtração dos direitos constitucionais garantidos, o *Manual das cooperativas*⁸⁶ é utilizado pelos interessados e fiscais da Secretaria de Fiscalização do Trabalho (SEFIT).

Em razão da grande proliferação de associações cooperativas e da falta de conhecimento, muitas cooperativas permitem o prejuízo dos associados. A CORU, cooperativa de trabalho (pois é responsável direta por recolher, separar, pesar e vender; ou seja, bem destinar o lixo reciclável de seus colaboradores), está em plena legalidade, como resultado da vontade e do esforço de seus componentes. Quando precisou, buscou auxílio. Nesse instante, órgãos como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), União e Solidariedade das Cooperativas e Empreendimentos de Economia Social do Brasil (UNISOL) e outros contribuem para as associações e cooperativas em formações e desenvolvimento. Além disso, incubadoras vinculadas a universidades — no caso da CORU, a incubadora da UFU⁸⁷ — auxiliam, em alguns momentos, a administração e os projetos para recolhimento de recursos e fomentos.

Embora reine a descrença de que trabalhadores sem formação específica não possam ser capazes de gerenciar um empreendimento econômico e de que, quanto maior o número de cooperados, mais complexa será a empreitada, devemos considerar que, se há deficiência ou dificuldade administrativas, também há conhecimento farto do trabalho prático entre tais trabalhadores.⁸⁸ No caso da CORU, é importante lembrar: a maioria dos cooperados já foi coletora de recicláveis e sofreu as agruras de os comercializarem individualmente; daí a preferência por ser cooperado. A cooperativa permite a autogestão e estimula o cooperado a praticar a democracia no trabalho, pois ele passa a obedecer a ordens comuns de execução de sua função e a dialogar e realizar diversas funções distintas, compreendendo o processo de produção como um todo.

⁸⁵ Após o final da era do milagre econômico no Brasil — a queda do “emprego total” —, no fim da década de 1970, houve aumento da taxa de desemprego, o que provocou o resgate da forma de organização cooperativa no trabalho (cf. SINGER, Paul. *O capitalismo, sua revolução, sua lógica e sua dinâmica*. 10. ed. São Paulo: Moderna, 1987; SINGER, Paul; CUNHA, Gabriel Cavalcanti; DAKUZAKU, Regina Yoneco (Org.). *Uma outra economia é possível: Paul Singer e a economia solidária*. São Paulo: Contexto, 2003).

⁸⁶ O manual é uma ferramenta jurídica editada e distribuída em 1997, pela SEFIT, ligada ao Ministério de Trabalho.

⁸⁷ A incubadora da UFU iniciou suas atividades de auxílio a pequenos empreendedores e associações solidárias em 2006, mas passou a colaborar com a CORU em 2007, em alguns aspectos administrativos e organizacionais do empreendimento cooperativo.

⁸⁸ Cf. SINGER; CUNHA; DAKUZAKU, 2003.

Sendo as decisões coletivas, a experiência de todos os sócios pode ser mobilizada, e esta será sempre muito maior que a experiência duma cúpula, que na empresa capitalista concentra o poder de decisão. Por isso, as decisões coletivas em empresas solidárias tendem a ser mais certeiras do que as adotadas em empresas capitalistas comparáveis. Esta vantagem, no entanto, tem um custo: decidir coletivamente leva mais tempo, pois é preciso ouvir as manifestações de todos ou ao menos dos que querem participar. Decisões de grande alcance podem suportar este custo, outras, que necessariamente têm de ser rápida, não.⁸⁹

Nas decisões coletivas dos 22 cooperados sócios, há alguns importantes fatores que amenizam as dificuldades, pois se eles relacionam há anos e conheceram, em seu cotidiano de trabalho, a prática da autogestão. Tal realidade ficou clara quando perguntado à associada Luciene se consegue conversar sobre tudo que lhe incomoda. Eis sua resposta:

Sim! Tanto é que agora a gente tem reuniões entre nós toda sexta-feira e em todos os pontos que a gente tem dúvida a gente chega e pergunta. Ninguém fica chateado e responde. Então, não tem desavença, não! Aqui dentro, não. A gente nunca teve até agora, não!⁹⁰

A ausência de um “patrão” e a responsabilidade da prática da autogestão levam o empreendedor a perceber o peso de suas decisões e de sua voz, o que renova sua autoestima, trazendo à tona seu poder de agente histórico.

Ao fazer a gestão compartilhada, as pessoas aprendem novas habilidades, socializam as alegrias e sofrimentos, criam resistências frente aos problemas, recuperando assim, a cidadania, a motivação para viver, alcançando a emancipação em todos os seus sentidos.⁹¹

A resposta à indagação à associada Luciene sobre quais motivos a levaram a se tornar uma cooperada se deu nestes termos:

Quando eu entrei, eu entrei sem ser uma cooperada, sem registro nenhum. Foi mais pela união que a gente sentiu, mais pelo tratamento, que é bem melhor que uma empregada doméstica, por exemplo. Patrão não tem aquela convivência com a gente, né?. Pelas amizades, se você estiver com algum problema, eles tentam te ajudar e, no que puder, te ajudam. É por tudo. Às vezes, o que tenho aqui dentro eu não tenho nem com minha família. Bem melhor o tratamento mesmo.⁹²

⁸⁹ SINGER, 2000, p. 20.

⁹⁰ PEREIRA, 2010, entrevista.

⁹¹ BEZERRA, Cláudia Aguiar Pedroso. Trabalho e emancipação social na ótica solidária. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/claudiaaguiarpedrosobezerra.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2011, p. 3.

⁹² PEREIRA, 2010, entrevista.

O aumento de trabalhadores autônomos e cooperados pode ser entendido como valorização de grupos formados por pessoas que se unem com base na esperança e nas lutas comuns, resistindo à ordem preestabelecida. O cooperativismo como parte da economia solidária pode ser considerado como movimento social que luta contra a exploração do trabalho, a destruição da natureza e que busca justiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que foi dito até aqui, fica patente que, de fato, ocorre emancipação através da união nos moldes do cooperativismo, ocorre ampliação da consciência do sujeito, pois este passa a se ver como agente reciclador e pertencente a uma comunidade democrática. Quando veste a camiseta da cooperativa, sente-se mais qualificado e não mais entregue à sorte e aos perigos do trânsito de Uberlândia ou ao desrespeito de alguns na sociedade.

Ficou claro, pelos diálogos e pelas observações, que a sociedade precisa dele no cotidiano, sobretudo do autônomo, porque limpa o espaço urbano e não existe (é um elemento invisível e, quando visto, representa a crueldade da sociedade com sua competitividade; se está ali, não conseguiu ou não quis estar noutro “lugar”). Em outro momento, quando o olhar vem de pessoas ditas mais esclarecidas, prefere ver o cooperado por que é mais bonito e viável apreciá-lo numa organização, uniformizado e consciente do meio ambiente.

Percebemos, em conversas informais no 9º Festival Lixo e Cidadania, que grande parte dos catadores autônomos não participava efetivamente por vários motivos, tais como estar se sentindo sujos, não entender a proposta de união da classe ou não concordar com a divulgação de seu trabalho com medo de perder para agentes do município; alguns pensavam até que só gente de cooperativa podia participar. Talvez a baixa autoestima esteja presente até na relação com os próprios colegas de profissão.

Creemos que retirar a possibilidade de sobrevivência através dos resíduos sólidos para os catadores autônomos não seja a melhor saída. Afinal, é a única forma de subsistência de muitos. Quanto a ser cooperado, com base em nossas observações da CORU, acreditamos que é uma maneira viável de extrair do lixo uma vida melhor.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; Correa, R. L. (Org.). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BELLINI, Marta; MUCELIN, Carlos Alberto. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia: ed. UFU, n. 20, v. 1, p. 111–24, jun. 2008.
- BEZERRA, Claudia Aguiar Pedrosa. Trabalho e emancipação social na ótica solidária. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/claudiaaguiarpedrosobezerra.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2011.
- CALDERONI, Sabetai. *Os bilhões perdidos no lixo*. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.
- COSTA, Luciano de Souza. O cooperativismo: uma breve reflexão teórica. *Ciências Sociais em Perspectiva*, p. 55–64, ago. 2007.
- GENOVÉS, Santiago. *Expedición a la violencia*. México: ed. UNAM (Facultad Nacional Autónoma de México), 1991.
- GONÇALVES, Pólita. *A reciclagem integradora dos aspectos ambientais, sociais e econômicos*. Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 2003.
- GRIPPI, Sidney. *Lixo: reciclagem e sua história*. Guia para as prefeituras Brasileiras. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.
- ICMS Ecológico: Saneamento a mais de 100. Disponível em: <http://www.icmsecológico.org.br>. Acesso em: 2 fev. 2010.
- JULIANO, A. A.; LEME, H. J. de C. Transformações econômicas e dinâmica migratória recente na área de Uberlândia: um perfil sócio-econômico da população migrante. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 13., 2002, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002, p. 1–22. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST9_Juliano_texto.pdf. Acesso em: 24 set. 2008.
- JURAS, Ilidia da A. G. Martins. *Destino dos resíduos sólidos e legislação sobre o tema*. Consultora Legislativa da área XI, Meio Ambiente e Direito Ambiental. Organização Territorial, Desenvolvimento Urbano e Regional. Câmara dos Deputados, 2000.
- LAYARGUES, Philippe. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. LOUREIRO, F.; LAYARGUES, P.; CASTRO, R. (Org.). *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002, 179–220.
- MAGALHÃES, Ângela Cristina Borges. *O espaço dos resíduos sólidos domiciliares e de sua logística reversa na geografia urbana* [manuscrito]: diagnóstico e modelo de gestão pró-ativo. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.
- MAGERA, M. *Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade*. Campinas: Átomo, 2003.

MARX, Karl. *O capital*. Livro I, capítulo VI. São Paulo: ed. USP, 1978.

MEDEIROS, Luiza Ferreira de Rezende; MACÊDO, Kátia Barbosa. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, Goiânia: G&DR, n. 18, v. 2, p. 15, maio/ago. 2006.

MIURA, P. C. O. *Tornar-se catador: uma análise psicossocial*. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) — Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2004.

GEISEL, Monica Rodrigues. *O conceito de desenvolvimento sustentável: um grande desafio para o século XXI*. 2008. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências da Saúde e Meio Ambiente) — Centro Universitário Plínio Leite, Niterói, 2008.

PINHO, Diva Benevides. *O cooperativismo no Brasil: da vertente pioneira à vertente solidária*. São Paulo: Saraiva, 2004.

PORTO, M. F. S.; JUNCA, D. C. M.; GONÇALVES, R. S.; FILHOTE, M. I. F. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 20, v. 6, p. 1.503–14, jul. 2004.

SILVA FILHO, Cícero Virgulino. *Cooperativas de trabalho*. São Paulo: Atlas, 2001.

SINGER, Paul. *Economia política do trabalho: elementos para uma análise histórico-estrutural do emprego e da força de trabalho no desenvolvimento capitalista*. São Paulo: Hucitec, 1932.

SINGER, Paul. *O capitalismo, sua revolução, sua lógica e sua dinâmica*. 10. ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo (Org.). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, Paul; CUNHA, Gabriel Cavalcanti; DAKUZAKU, Regina Yoneco (Org.). *Uma outra economia é possível: Paul Singer e a economia solidária*. São Paulo: Contexto, 2003.

SINGER, Paul. *Cooperativas de trabalho*. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/prog_cooperativatrabalho2.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2010.

- *Fonte orais*

OLIVEIRA, Wagner Antônio. Uberlândia, 1º jun. 2010. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a nós.

PASSOS, João Batista Ferreira dos. Uberlândia, 20 fev. 2010. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a nós.

PEREIRA, Luciene G. Uberlândia, 4, nov. 2010. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a nós.

RODRIGO, Astrosoaldo Plutão. Uberlândia, 20 fev. 2010. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida a nós.

- *Fonte jornalísticas*

CANDIDO, Andréia. Uberlândia terá novo aterro sanitário. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 19 set. 2010. Cidade, *on-line*.

FERNANDES, Arthur. Prefeitura rompe parceria com CORU. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 2 jun. 2005. Cidade, *on-line*.

NAKAMURA, Denise. Coleta seletiva começa na terça-feira. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 16 jan. 2011. Cidade, *on-line*.

SILVA, Selma. “Lixo” dado por empresa ajuda catadores da CORU. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 3 jan. 2005. Cidade, *on-line*.

STAVALI, Gustavo. Duas toneladas de lixo são recolhidas. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 20 jan. 2011. Cidade, *on-line*.

TIBÚRCIO, Luciana. Cooperativa de catadores tem números positivos. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 12 out. 2005. Cidade, *on-line*.